

REINVENTANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UMA OBRA AUDIOVISUAL

FERREIRA, Gustavo Lopes - gustavolofer@gmail.com

DIAS, Inez Repton - igrepton@yahoo.com.br

MIRANDA, Aline Bertoldo - abertoldom@gmail.com.br

GUIDO, Lúcia de Fátima Estevinho - lestevinho@gmail.com

Resumo: O trabalho de pesquisa aqui apresentado trata do conhecimento popular sobre plantas do Cerrado e o modo como este conhecimento pode ser trabalhado em propostas de educação ambiental. Buscou-se a possibilidade de uma hibridação cultural articulando o conhecimento popular sobre a flora nativa e a valorização das culturas locais com a mídia. O audiovisual foi construído a partir das histórias contadas pelos moradores dos distritos Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama, Uberlândia-MG, registradas durante as oficinas pedagógicas dessa pesquisa. O documentário vai além de uma produção artística que revela efeitos visuais e sonoros, mas busca criar uma educação ambiental que propicia outras narrativas acerca das questões ambientais partindo do contexto e realidade em que a comunidade está imersa. Oportuniza a experimentação de outras sensações, criando através da comunicação visual a possibilidade de projeção de emoções e sentimentos que não poderiam ser comunicados de nenhuma outra forma.

Palavras-chave: educação ambiental; mídia e educação; conhecimento popular sobre plantas

Abstract: This research described in this text deals with the popular knowlegde about Cerrado plants and the way this knowledge can be tooled in environmental education. We sought trough the possibility of an cultural hybridization merging the popular knowlegde about the native flora and the appreciation of the local culture with the media. An audiovisual was made by the residents of the counties Cruzeiro dos Peixotos e Tapuirama, Uberlandia-MG and their hystories registered during an educational workshop in this research. The documentary goes beyond an artistic production tied in visual and audible effects and try to create an environmental education that provides another kind of narratives about the environmental issues from the reality and context of the own community. It takes chance for another sensation, mesuring through visual communication the cappacity of projecting emotions and feelings that couldn't be communicated in other way.

Keywords: Environmental education; media and aducation; popular knowlegde about plants.

APRESENTAÇÃO

O trabalho de pesquisa apresentado nesta proposta considera a riqueza do aprendizado prático e sua vinculação ao conhecimento popular, a(s) cultura(s) popular(es) e como esta(s) ao se tornarem memórias coletivas criam as tradições culturais. Esta pesquisa trata do conhecimento popular sobre plantas do Cerrado e o modo como este conhecimento pode ser trabalhado em propostas de educação ambiental que interferem dinamicamente no mundo da práxis, incorporando novas vivências e transformando-as constatemente.

A pesquisa apresentada fundamenta-se em reflexões sobre educação ambiental realizada a partir do desenvolvimento de um trabalho já realizado que buscou conhecer e valorizar o conhecimento popular sobre plantas em distritos rurais do município de Uberlândia, MG¹. Polemizar questões relativas à educação ambiental com a comunidade a partir de suas culturas tem permitido verificar a possibilidade do intercâmbio entre o conhecimento construído pela educação ambiental na escola e fora dela, especialmente na comunidade onde circula o conhecimento popular sobre as plantas.

O estudo está alicerçado em outra educação ambiental, que valoriza o conhecimento popular sobre as plantas do Cerrado, que escuta e registra as falas das pessoas mais velhas – metodologia comumente empregada na etnobotânica, mas que considera também a possibilidade de uma hibridação cultural, que respeita o tempo dessas pessoas e o tempo atual que leva a outras vontades, a outras maneiras de viver e de estar no mundo, pois como diz Guimarães (2007, p. 183):

Hoje, quem sabe, seja preciso encontrar outros conceitos, tecer uma educação ambiental comprometida com as mestiçagens e as hibridações que marcam nosso tempo (bem como outras temporalidades) e todas as nossas *latinidades*. Enfim, precisamos encontrar, talvez, outras formas de lermos os lugares, as pessoas e nós mesmos, nas viagens que fazemos (muitas vezes, até mesmo, sem sairmos de casa).

Um encontro entre mídia e educação ambiental

A escola moderna comprometida com o conhecimento especializado sobrepõe o conhecimento local, da tradição, que era passado de geração a geração, no cotidiano das famílias. A tensão entre a família e a escola, evidencia a contradição: de um lado a família trazendo seus filhos para a identidade local, de cuidar da terra, dos quintais, de conhecer as plantas; do outro, a escola que também necessita do aluno para justificar a sua função de modeladora das individualidades para a implantação da identidade nacional, isto é, moderna, universalizante.

O conhecimento local passado de geração a geração passa a ser desacreditado, sendo substituído pela cultura nacional ensinada/transmitida na escola. Mas a escola atual está sujeita aos processos de hibridação cultural, não só em relação ao conteúdo que ensina ou que deve ensinar, mas também pela influência das culturas trazidas pelos jovens.

Pode-se pensar a partir da crise da identidade na modernidade na construção de uma nova que se estabelece entre uma identidade etnocultural, apoiada na tradição e,

¹ Pesquisa intitulada “Levantamento dos usos de plantas do bioma Cerrado no município de Uberlândia, MG” foi financiada. pela Fundação de amparo a pesquisa de Minas Gerais, FAPEMIG. Processo n° CRA 1451/06.

uma identidade construída por uma maior exposição à escolaridade e à modernidade. Trindade (2004, p. 37) em sua pesquisa realizada com pescadores de uma comunidade pesqueira em Nazaré, Portugal comenta: “Se é verdade que a escola, enquanto instrumento de construção da nação, se forjou contra os saberes locais, os nazarenos, mesmo os mais escolarizados, gostam de afirmar a sua identidade local nos contextos mais eruditos.” Estas considerações sobre a pesquisa de Trindade mostram uma valorização da tradição, mas de uma maneira ressignificada, agregando outros valores. A comunidade pesqueira de Nazaré não se considera como uma cultura de dominados frente à cultura hegemônica, ao contrário faz questão de impor suas culturas, suas tradições, causando movimentos, misturas, hibridações.

Referindo-se a influência das culturas trazidas pelos jovens o autor Martín-Barbero (2007) afirma que a televisão e outros artefatos tecnológicos estão presentes na experiência cultural destes sujeitos; essas interferências sejam de imagens fragmentadas, de descontinuidades apresentadas nos telejornais, nos eventos esportivos, nos grandes concertos ou nos filmes interfere na maneira de ver e se posicionar no mundo, estamos diante de “novos modos de estar juntos”, novos dispositivos de percepção.

No cenário contemporâneo da sociedade globalizada, os alunos da escola atual encontram facilidade nos tratados dos saberes requeridos para lidar com os novos desafios tecnológicos. Mas demonstram desinteresse no aprendizado do conhecimento transmitido pela tradição oral mesmo quando ensinado fora da escola. Esta situação demanda a discussão de outras maneiras e de outros locais para a conservação do conhecimento sobre as plantas do Cerrado, assim como de outros conhecimentos vinculados à tradição cultural. Lembramos que tal situação requer outra educação ambiental, que valoriza as diferenças, o intercâmbio entre as culturas, seja a escolar – do conhecimento dito científico, seja a popular. Para isso se faz necessário pensar na atuação não só da instituição escolar, mas também de outras, como as Associações de Moradores, o que demanda o envolvimento das lideranças comunitárias no trabalho de educação ambiental.

O conhecimento popular sobre as plantas foi inventariado a partir de entrevistas realizadas junto à população de quatro distritos pertencentes ao município de Uberlândia, a saber: Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Tapuirama e Miraporanga. Estes mantêm uma estrutura social baseada no trabalho rural, nas atividades de cuidados com a casa e seus quintais.

O distrito de Tapuirama, um dos locais de realização deste estudo está localizado a 50 quilômetros de Uberlândia, tem uma população de pouco mais de dois mil habitantes. São famílias pacatas e muitos moradores antigos. A arquitetura tradicional resiste ao tempo e continua contando a história da cidade em páginas saudosistas. Já o distrito de Cruzeiro dos Peixotos, outro local onde a pesquisa foi realizada está distante aproximadamente 20 quilômetros de Uberlândia. Esta comunidade com pouco mais de mil habitantes preserva a calma e as histórias de um povo que se reuniam para rezar o terço sob o cruzeiro construído pela família Peixoto, daí o nome desta localidade (CORREIO, 2011)².

Os dois distritos apresentam uma boa infra-estrutura na área de serviços básicos essenciais e seus habitantes recebem influências principalmente do distrito sede (CORSI, 2006). Essa aproximação estabelece laços de dependência no plano social, econômico e político, trazendo outras culturas, dentre elas a capitalista-consumista, que

² <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/moradores-mantem-os-antigos-casaroos/>

além de enfraquecer a cultura típica própria de pequenos povoados – “não consumistas”, impulsiona a degradação dos recursos naturais.

Isto já não é mais possível acontecer hoje, mas ainda encontram-se uma educação ambiental que valoriza a vida mais simples, natural, próxima de uma natureza intocada como se ela ainda existisse. Uma educação ambiental dita por Guimarães (2007, p. 182) como “descompassada e esquizofrênica” e complementa: “[...] tal educação ambiental é assim denominada por tentar cristalizar, fixar um “outro” em um território e em uma tradição”.

Os resultados do estudo em etnobotânica evidenciaram que o conhecimento popular sobre as plantas está se perdendo, pois os moradores mais jovens não têm interesse em aprender este conhecimento que acontece no cotidiano das pessoas e é passado de geração a geração.

Tais resultados demonstram a importância da organização da comunidade dos moradores em parceria com as escolas em torno da educação ambiental para valorizar o conhecimento popular, a cultura e ampliar o conhecimento das espécies nativas. A valorização do conhecimento popular por outro lado não pode isolar as pessoas destas comunidades do contato com o mundo atual, globalizado imerso na cultura midiática, pois não seria justo que fiquem presas a uma tradição já que a sociedade lhes imputa novos desafios, novas maneiras de viver.

Pelo contato já estabelecido com estas comunidades percebeu-se que o desinteresse dos mais jovens em adquirir estes conhecimentos está justamente na inserção destes em uma nova maneira de ser e de estar no mundo, que não comunga com o modo de vida dos mais velhos, suas rotinas de trabalho no campo, suas culturas. É necessário, utilizando uma expressão de Canclini (2004), “hibridar” as culturas juvenis com a dos mais velhos e não substituir uma pela outra.

Nesse aspecto inserir a mídia na educação ambiental é fundamental não só para despertar o interesse dos mais jovens para esse tipo de conhecimento, como também diagnosticar como este instrumento insere a discussão da manutenção das culturas populares como um meio de conservar o ambiente natural ou de utilizá-lo por meio de atividades sustentáveis, postura rotineiramente atribuída a estas comunidades por viverem em um contato mais íntimo com o ambiente “natural”.

Os distritos Cruzeiro dos Peixotos e Tapuiriama foram escolhidos para iniciar a pesquisa pela motivação de duas professoras da Rede Municipal de ensino destas localidades que freqüentando as atividades do projeto “*O potencial de uma proposta coletiva para o ensino de Biologia, na transformação da prática docente dos professores de Ciências do Ensino Fundamental*” também financiado pela FAPEMIG, processo nº 1276/06 se interessaram pela pesquisa etnobotânica em parceria com a educação ambiental, já estabelecendo parceria entre a escola, a comunidade e a presente pesquisa.

Com este estudo pretendeu-se investigar a viabilidade da pesquisa em educação ambiental a partir dos resultados obtidos no levantamento etnobotânico nos distritos rurais de Uberlândia, articulando o conhecimento popular sobre a flora nativa e a valorização das culturas locais com a mídia.

Dentre outros objetivos buscou-se orientar professores e moradores dos distritos no trabalho de educação ambiental para a valorização da cultura local e do conhecimento sobre as plantas nativas a partir de material audiovisual (documentário) produzido por estas comunidades (alunos, professores da escola, lideranças comunitárias).

OS CAMINHOS DA PESQUISA

A condução da pesquisa aconteceu nos distritos Tapuirama e Cruzeiro dos Peixotos.

Três oficinas sobre produção de material audiovisual foram oferecidas para alunos, professores e lideranças comunitárias. No primeiro encontro os alunos das escolas realizaram uma “*Saída Fotográfica*” pelos distritos com o objetivo de verificar as concepções de Meio Ambiente dos participantes, utilizando a fotografia como dispositivo de registro destas representações. Na segunda oficina foram realizadas entrevistas com os moradores mais antigos identificados como “conhecedores de plantas” e/ou “lideranças comunitárias”.

A terceira oficina procurou aproximar a mídia e a linguagem específica da cultura popular, além de permitir um momento de encontro entre diferentes gerações – alunos, conhecedores de plantas. Esta etapa realinou-se ao estudo de Ribeiro Júnior (2009) que afirma que “tanto no audiovisual, quanto na educação, é da cultura popular que se parte para uma cultura transformadora, libertadora”.

Como forma de envolver os jovens e crianças com o estudo, o estabelecimento de uma parceria com a escola local, tornou-se imperativo para bom andamento do trabalho. As direções escolares mostraram-se interessadas pela proposta, oferecendo ajuda e compreendendo a problemática que suscitou a investigação. Dessa forma, liberou os alunos do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental para participarem e constituírem o projeto de pesquisa, além da disponibilização de um espaço para o desenvolvimento das atividades de educação ambiental.

No centro das ações viabilizou-se o diálogo, a troca de conhecimentos e experiência entre lideranças comunitárias, conhecedores de plantas, jovens e crianças engajados com o projeto, todos esses sujeitos de pesquisa. As lideranças e conhecedores de plantas são pessoas que vivem na comunidade, que estão sensíveis aos problemas cotidianos e que residem a muito tempo no local, foram identificadas nestas denominações 6 pessoas, entre as duas comunidades.

O envolvimento das pessoas no estudo, ouvindo-os, interrogando-os; mais ainda, dando-lhes a palavra e os meios de conduzir a pesquisa a partir de suas próprias ideias, ações e soluções, constituiu o cerne desta etapa. Os relatos de vida e os diálogos foram possibilidades exploradas, articulando num vaivém dinâmico entre ação e reflexão, sujeitos e pesquisador.

- **A saída fotográfica**

A proposta da primeira oficina foi verificar as concepções de Meio Ambiente dos alunos participantes do projeto, utilizando a fotografia como dispositivo de registro destas representações. Esta primeira atividade foi organizada em três momentos. Tais encontros foram enredados de diálogos e compartilhamento de experimentações. O primeiro correspondeu à “*Saída Fotográfica*” pelos distritos. No segundo momento houve a discussão das imagens produzidas. E por fim, no terceiro e último os alunos elaboraram um texto escrito narrando a experiência vivida.

Na saída fotográfica, participaram 16 alunos dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental das escolas locais. A caminhada fotográfica durou uma hora e teve como ponto de encontro o mesmo local de partida, a escola. Posteriormente cada participante escolheu duas imagens para legendar, estas foram comentadas em uma roda de conversa que aconteceu na semana seguinte.

Esta atividade oportunizou um momento de convivência e compartilhamento. Em todos os instantes da caminhada imperou um clima de afetividade, de ajuda mútua e companheirismo, numa interação saudável e que naquele momento se estendia para além da convivência escolar.

Foram tiradas aproximadamente 360 fotografias, bem focadas e de boa qualidade. O resultado obtido foi surpreendente tendo em vista que os participantes não receberam nenhuma explicação quanto ao uso das câmeras. Os alunos mostraram-se “íntimos” deste dispositivo, dominando suas funções básicas, como: o efeito de *zoom*, o uso do macro para objetos próximos etc.

No segundo encontro, ocorrido uma semana após a saída fotográfica, os estudantes puderam produzir as legendas e as molduras das duas fotografias escolhidas por cada um. Para isto, dispunham de papéis e materiais diversos. Procurou-se motivá-los a olharem atentamente as imagens a fim de buscarem transmitir em palavras, frases, parágrafos, os sentimentos que emergiram ao verem tais registros. Evitou-se ao máximo interferir nesse processo de criação, fornecendo-lhes a autonomia necessária para a produção escrita, mesmo que esta trouxesse algumas dificuldades para os alunos.

De um intenso debruçar-se sobre as fotografias, os participantes citaram em suas legendas uma mensagem demonstrativa de seus processos do pensar sobre o meio ambiente, das inquietações moldadas ao longo dos encontros, e de uma vivência compartilhada, porém resguardada pelas individualizações enquanto sujeitos únicos, capazes de se expressarem, enunciarem como e porque pensam de tal maneira. A reflexão lançada sobre as fotografias se deu no confronto com as suas legendas.

Nesta atividade cada participante escolheu dentre duas fotografias: uma das suas para comentar junto ao grupo e outra de um colega. Ao comentar a fotografia produzida por outra pessoa, fez-se com que cada um pudesse enunciar outros sentidos possíveis, atribuindo novos significados pelo modo subjetivo de perceber uma dada paisagem. Isto contribuiu para ampliar os olhares e sentidos que uma imagem possibilita quando vista pelo olhar do outro.

Os estudantes registraram somente paisagens naturais, como: árvores, flores, insetos. Preocuparam-se em não auto-retratar ou se deixarem fotografar, e nem em mostrar as construções antigas, as ruas, os carros, a igreja, a escola, o posto de saúde, as pessoas e tantos outros elementos que constituem e caracterizam os distritos, e que de alguma maneira são partes do meio ambiente.

O meio ambiente representado nas fotografias, e frisado nas legendas, mostrou-se associado a um discurso naturalista, ao belo e indefeso, característica de uma visão romântica. Apresentaram conceituações que apelaram para a necessidade da conservação, entendendo que o homem é o culpado pela aparente desordem da natureza.

As imagens representaram o meio ambiente pelas flores com suas nuances de cores; hibiscos, paineiras, lírios, coroas-de-cristo, pata de vaca, coqueiros, gramados do campo de futebol. Outras o viram por meio dos animais, do pouso de uma borboleta, vacas em uma propriedade rural, de insetos pousados sobre um fruto. Todas estas representações de alguma maneira refletiram a forma como os participantes pensam o meio ambiente, colocando-o enquanto uma entidade que se cria e se recria e está separada da vida e cultura humanas, cabendo ao humano apenas contemplar, observar, apreciar tais belezas.

Conforme afirma Gonçalves (2001) a concepção de naturalização do meio ambiente é acionada quando da realização de atividades em educação e meio ambiente, resultando em um reforço dessa separação entre ser humano e natureza, natureza e cultura. Assim, a natureza foi distanciada e, inclusive, excluída das vidas cotidianas (tornada muitas vezes, apenas, objeto de prazeres ou das necessidades de uso) e, ainda

nesse processo, a cidade, o bairro, os distritos, a casa e a escola foram sendo também, excluídos do conceito de meio ambiente (GUIMARÃES, 2007).

Buscou-se encontrar nas fotografias traços do humano e do não-humano, como: as casas, ruas, carros, igrejas etc. A partir dessa problematização pretendeu-se desmistificar a concepção confusa na qual meio ambiente e natureza são tomados como sinônimos. Entretanto sem apontar o que estava certo ou errado, ou fixar um único sentido e entendimento, pois de alguma maneira todos os pontos de vista e os diferentes olhares lançados sobre as fotografias conduziu à um questionamento desta concepção.

Insistentemente apareceu nas falas dos alunos palavras e expressões, como: bonita, ar puro, sombra, polinização, equilíbrio, dentre outras, para qualificar o meio ambiente. Essas colocações demonstram um discurso de exaltação a beleza da natureza, apelando à sensibilização das pessoas quanto a conservação deste bem.

Nas muitas discussões surgidas na roda de conversa entre alunos e pesquisadores, o entendimento do meio ambiente caracteriza-se em uma vertente que refuta sua confusão com natureza, acrescentando-lhe um sentido mais amplo, explorando outras dimensões, sociais, históricas e culturais. Sendo este conceito motivo de controvérsias, indicando não haver um consenso, e incapacidade de o reconhecer enquanto um conteúdo existencial e conceitual multifacetado, como indica Reigota (2007).

De forma geral todos os participantes em seus depoimentos declararam que anteriormente a realização desta saída fotográfica limitavam o meio ambiente as plantas, e as belezas naturais. Porém após a participação e execução da atividade perceberam que ele é tudo que nos cerca, incluindo o humano e o não-humano, bem como a cultura e a história, superando as muitas dicotomias: cultura e natureza, cidade (artificial) e florestas (natural), presença ou ausência do ser humano na natureza. Resultado este semelhante ao encontrado por Favero (2009).

As imagens capturadas pelas lentes das câmeras promoveram de alguma maneira um deslocamento no modo de ver e de enunciar o meio ambiente, permitindo aos participantes lançarem olhares mais atentos, críticos e reflexivos sobre o lugar onde vivem. Permitiram um reencontro com as paisagens e as diferentes formas que criam a identidade deste ambiente.

- **Conhecendo os conhecedores de plantas**

Após o levantamento do perfil sócio-econômico-cultural das comunidades, pôde-se identificar os conhecedores de plantas e as lideranças comunitárias locais. Os alunos foram motivados a conhecê-los e mais ainda a produzirem uma entrevista direcionada a estes moradores. Alguns estudantes mostraram já ter um contato estabelecido com os entrevistados, outros possuíam relações de parentesco, tais como de tios e avós.

A entrevista teve o objetivo de aproximar-se e convidar à parceria os moradores identificados. Buscou-se entender suas relações com as plantas, como e com quem aprenderam sobre o assunto, se transmitem esse conhecimento e se utilizam a mídia para aprender a esse respeito. Todas estas questões foram pensadas e propostas coletivamente na roda de conversa entre os estudantes e os pesquisadores.

Munidos de uma câmera filmadora digital os estudantes registraram as rodas de conversa, puderam expressar suas ideias, fazer questionamentos, buscando conhecer melhor os entrevistados. Em todas as visitas o grupo foi recebido com muita hospitalidade, atenção e carinho.

As pessoas entrevistadas não se intimidaram diante das câmeras, pelo contrário estavam desinibidas, espontâneas, acima de tudo honradas por poderem contribuir com a pesquisa. Isto demonstra a importância deste estudo na valorização não só de seus saberes e experiências, mas das próprias pessoas. Assim, entende-se que a participação no estudo propiciou o resgate de saberes pouco ou não valorizados e, em algumas situações, “esquecidos” pelos próprios conhecedores de plantas (PATZLAFF & PEIXOTO, 2009).

Apesar do contato com diferentes costumes pelo fato da maioria dos conhecedores e lideranças dos distritos terem nascido em outros Estados brasileiros, além de Minas Gerais, o conhecimento da diversidade local está muito presente no cotidiano dessas pessoas. Uma conhecedora de planta é nascida em Buri – SP, outra em Bambuí – MG, além do sotaque característico de uma conhecedora de Nova Araçá – Rio Grande do Sul.

As muitas histórias compartilhadas giraram em torno do conhecimento sobre as plantas, do cultivo e os diversos modos de uso da flora nativa. O uso medicinal foi o mais citado pelos entrevistados, plantas como: alecrim, manjerição, poejo, levante, hortelã e guaco foram encontradas cultivadas nos quintais e compuseram o cenário dos encontros.

A fé foi colocada como um ingrediente essencial nas muitas receitas com o uso das plantas. Somente pela fé de quem prepara uma receita para alguém é que o remédio caseiro pode funcionar, relata a conhecedora.

[...] é preciso o poder da oração na cura de uma doença [...] eu benzo, porque mais vale a fé do que o pau da barca, ai manda a fé (Dona N.).

O aprendizado sobre a flora foi uma das questões levantadas aos entrevistados, que declararam ter adquirido tal tradição no relacionamento com seus parentes próximos como mães e avós. Parecem ser as mulheres as grandes responsáveis pela transmissão desses saberes aos mais jovens. São elas que mais estabelecem e utilizam desse conhecimento prático em seu cotidiano, quer zelando pela saúde de seus entes queridos, amigos e conhecidos ou nos cuidados com a casa e em seus quintais repletos de plantas.

A relação atual dos mais jovens com o conhecimento sobre as plantas tem sido perdida ao longo dos anos, advento muitas vezes das inovações tecnológicas que trazem uma outra maneira de se obter conhecimento. Esse fato remonta à fala das pessoas mais velhas entrevistadas quando disseram que aprendiam através da oralidade.

Antigamente nós não tinha televisão, nós compro um rádio eu já era moça grande, a gente não tinha essas coisas. Então a gente era só conversa, agora hoje tem muitos que gosta de computador, é bom [...] Eles podem aprender pelo computador (fazendo referência ao aprendizado sobre os usos das plantas), são jovens, inteligência boa (Dona D.).

A relação dos conhecedores com a mídia foi um aspecto suscitado nos encontros, em muitas falas pôde-se perceber a influência dos meios de comunicação no aprendizado sobre as plantas, principalmente a televisão. Afirmaram que buscam analisar o que é falado em tal meio, não desacreditando dos especialistas quando relatam novas descobertas de usos para as plantas. Uma conhecedora fez referência ao rádio contribuindo para ampliar seu aprendizado sobre o assunto, outros citaram programas televisivos.

Eu não conhecia a moringa, ai um dia eu escutando a rádio eu ouvi que tavam falando dela e que eles iam dar pra quem queria, assim sortear né, um pé pra quem ligasse lá. Ai eu liguei e na hora eu ganhei, ai plantei ali (mostrando a plantação em seu quintal) e já tá um mar de grande. [...] eu deixo o rádio ligado o dia inteiro, mesmo quando não tô dentro de casa. Esse eu gosto [...] (Dona D.).

Eu assisto o Globo Repórter, eu gosto de assistir, aprendo essas coisas (remetendo aos usos das plantas) na televisão. Tudo que fala sobre as plantas na televisão eu busco analisar primeiro. Jamais eu descredito do médico, mas eu vou assuntar o que ele vai passar, ai eu vou e faço o teste. (Dona N.).

A conservação das plantas foi uma preocupação relatada quando afirmaram ter o cuidado em se utilizar somente pequenos ramos das ervas no preparo de chás e infusões. Quando fazem uso da casca e entrecasca do barbatimão e da aroeira, por exemplo, retiram apenas poucas quantidades, evitando sempre a destruição dessas espécies nativas. Uma motivação para isto foi muito bem colocada por uma moradora quando afirmou que isso é necessário porque demonstra o respeito às coisas da natureza, a manutenção de um bem que pode durar por gerações.

Muitos entrevistados demonstraram conhecer algumas espécies que já se encontram escassas no Cerrado, citando a exemplo, o jatobá, o angico, a aroeira, a gabiroba, o cajuzinho do Cerrado entre tantas outras. Isso remonta à destruição que este bioma vem sofrendo ao longo dos anos pela ação antrópica, com a expansão da agropecuária, instalação de usinas hidrelétricas, expansão das cidades etc.

Quando indagados se transmitem o que sabem sobre as plantas aos mais jovens, os moradores mostraram-se pessimistas e conformados com o evidente desinteresse das crianças e dos jovens que vivem nas comunidades. Afirmaram que pela falta de tempo, ou por estarem em contato com o computador e a televisão os estudantes não vêem motivação no conhecimento popular. Esse desestímulo pode levar ao esquecimento não somente da experiência com o uso da flora local, mas também de uma cultura que confere aos distritos sua identidade.

As pessoas não tem interesse em aprender, já querem o remédio pronto [...] agora as pessoas tem que aprender a fazer, eu ensino, explico. As pessoas não tem tempo pra aprender, acha mais fácil pedir alguém pra fazer (Dona N.).

Com o processo de entrevistar os conhecedores e lideranças, buscou-se na experiência um ponto de encontro da vida e diálogo entre gerações, superando as possíveis barreiras que acabam por isolar os jovens da cultura dos mais velhos, impedindo-os de se relacionarem. Realinhar os estudantes ao conhecimento popular fez surgir uma motivação a mais para o envolvimento com a pesquisa, levou-se a melhor compreensão dos objetos culturais tão presentes em suas vidas cotidianas.

Pôde-se nesta etapa efetivar a participação dos moradores na pesquisa, valorizando não só seus saberes, mas a cada um de forma indispensável na consolidação do estudo. O incentivo e a colaboração desses participantes trouxeram questões importantes para a próxima oficina.

- **O documentário “Causos do Cerrado”**

Neste momento o grupo ampliou-se, contando com a participação dos alunos (entre 12 a 15 anos de idade) e dos Conhecedores de Plantas e Lideranças Comunitárias dos dois distritos (em sua maioria na faixa etária dos 60 anos de idade).

O documentário vai além de uma produção artística que revela efeitos visuais e sonoros, mas busca criar uma educação ambiental que propicia outras narrativas acerca das questões ambientais partindo do contexto e realidade em que a comunidade está imersa. Uma produção que funciona como um dispositivo capaz de produzir narrativas impregnadas de valores, de ideias, de concepções, de percepções, de representações. Oportuniza a experimentação de outras sensações, criando através da comunicação visual a possibilidade de projeção de emoções e sentimentos que não poderiam ser comunicados de nenhuma outra forma, sinaliza Maria Emília Sardelich (2006).

A preparação da equipe para a produção do material audiovisual foi realizada mediante uma oficina ministrada por um profissional convidado, atuante na área de cinema da Universidade Federal de São Carlos³.

O encontro realizou-se na Universidade Federal de Uberlândia tendo a duração de cinco dias. Nos dois primeiros os participantes puderam conhecer o processo de criação de uma obra audiovisual; sua linguagem, elaboração do roteiro, captação de imagens e sons, edição etc. Nesta etapa foram coletadas entre os sujeitos de pesquisa as ideias e indicações para a produção do vídeo, o que iria ser filmado, quais pessoas seriam entrevistadas, enfim realizou-se o planejamento das filmagens. No terceiro dia foram realizadas as filmagens no local e nos dois últimos dias realizou-se a edição das imagens e sons captados.

No documentário não existe uma história escrita com personagens, uma vez que o roteiro foi construído coletivamente, concebido numa perspectiva dialógica em que os objetivos foram traçados a partir da realidade das pessoas envolvidas. Buscou-se comungar nesta última oficina denominada “*Produção audiovisual como resgate do conhecimento popular sobre plantas*” as muitas opiniões dos jovens, crianças, lideranças comunitárias e conhecedores de plantas. Além disso, reunir as diferentes visões, ideais, as particularidades da cultura local e a forma com que os envolvidos se relacionam e percebem o mundo atual.

Nesta etapa preparatória, mais do que aprender a técnica do processo de criação de uma obra audiovisual, buscou-se compreender a multiplicidade de possibilidades de apropriação e apoderamento crítico deste meio, buscando utilizá-lo na positivação e reafirmação da cultura local.

Assim, pretendeu-se, através dessa produção coletiva fazer a aproximação do conhecimento popular sobre as plantas com uma nova forma de transmissão de conhecimento, ou seja, da tradição oral com a mídia, em um processo de “hibridação cultural”, expressão utilizada por Canclini (2003).

As filmagens das entrevistas se deram nas casas dos conhecedores sentados em seus quintais cercados de plantas e embalados pela trilha sonora do canto dos pássaros. Os estudantes foram os executores na captação das imagens, tendo a câmera nas mãos, escolhendo os melhores ângulos, puderam também ouvir através de um fone de ouvido os sons captados pelo microfone estrategicamente posicionado. E nos bastidores uma

³ Djalma Ribeiro Júnior é Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e bacharel em Imagem e Som pela mesma universidade, possui experiência na área de Comunicação, Educação e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: educação popular, comunicação popular, mídia-educação, gestão cultural e produção audiovisual.

platéia formada por alunos, pesquisadores, pessoas da comunidade, professoras da escola local.

As muitas histórias narradas, lembradas, foram expressas pelos “conhecedores de plantas”, alguns deles também considerados lideranças comunitárias. A variedade de informações e histórias fez menção aos diferentes usos de ervas, cascas, folhas, flores, raízes do Cerrado, a exemplo o uso medicinal.

Os conhecedores de plantas e lideranças comunitárias construíram e ainda constroem suas histórias na oralidade e através dela conhecem e expressam seu conhecimento do mundo. Tal oralidade ligou-se à produção de imagens e sons por muitos fios, mas principalmente pelo seu realismo, como relata Almeida (1994). Isto pode ser conferido no trecho do documentário em que uma das conhecedoras, diz como e com quem aprendeu sobre as plantas.

Minha *vó* ela saía *pra* arrancar raiz, sabe. Não existia essas raízes *pra* vender, ai minha *vó* ia porque ela fazia aqueles remédios com as raízes, então ela saía *pro* Cerrado *pra* arrancar, inclusive na fazenda do meu pai tinha muito dessas raízes. Eu saía com a minha *vó*, ai ela falava assim: “isso é bom *pra* isso, esse é bom *pra* isso, esse chama assim, chama aquilo outro”, ela dava os nomes dos remédios, então a gente aprendeu com a minha *vó*, porque eu não largava ela *pra* nada, onde ela *tava* eu *tava* junto [...] (Trecho da entrevista realizada com conhecedora de planta Dona N.).

Os alunos da escola local trouxeram contribuições tomadas por um posicionamento crítico, amplo, estabelecendo outras formas de lidar com o conhecimento. Inevitavelmente ao longo do processo histórico, adultos e jovens se posicionam ante as tecnologias a partir de campos de visão totalmente distintos (JOBIM SOUZA & GAMBA Jr., 2002). Porém a que se ressaltar que tanto os alunos quanto os conhecedores de plantas aprendem de alguma forma com a mídia, a televisão principalmente.

O documentário revelou histórias que vão além do conhecimento popular sobre plantas, fez aparecer outra maneira de enunciar a cultura em torno do assunto, mostrando pessoas que falam do passado com saudosismo, mas que vêem no presente o seu valor. Tais entrevistados foram capazes de transpor suas experiências espetacularizando-as, narrando-as como se estivessem diante de espectadores em um grande teatro. Isto mostra que não estão estagnados na sua cultura, mas que trazem consigo influências de outras, incluindo a midiática.

Com a produção do documentário foi possível pensar sobre a desmistificação da tecnologia, colocando a câmera nas mãos dos sujeitos, dando-lhes a autonomia para que estes pudessem se expressar, mostrando suas vidas, histórias, experiências vividas.

As mulheres entrevistadas mostraram ter muito amor e conhecimento em relação as plantas de seus quintais: ervas medicinais, aromáticas, com poderes de cura, não só pelos seus princípios ativos, mas pela fé dessas moradoras. Benzedoiras por excelência, que com orgulho contaram um pouco das muitas histórias cujo ingrediente principal é a fé em Deus e no poder das plantas, uma tradição passada através de gerações.

Meu pai benzia de ofendido de cobra, a cobra ofendia nas pessoas, ele benzia e sarava, quando a pessoa não ia escapar ele sabia [...] Eu aprendi a benzer de cobreiro, peito azangado, essas eu aprendi [...] Ele falou assim *pra* mim: Uma hora eu vou te ensinar (referindo-se ao ato de benzer) porque a gente é mortal, uma hora a gente morre, ai fica

sem saber as pessoas, então eu quero passar *pra* frente, não deixar isso acabar [...](Benzer) É uma maneira da gente ajudar as pessoas quando não tem o recurso, *né* [...] É uma maneira de ajudar no natural, nas coisas naturais, você não usa remédio, você não usa química nenhuma e você *tá* ajudando alguém. (Trecho da entrevista com a conhecedora de plantas apontada também como liderança comunitária – Dona O.).

Não sei qual é a religião de vocês, mas jamais *quarquer* um ramo que eu for *panhar* ali *pra mim* fazer um chá, eu falo assim: Nossa Senhora abençoa esse chá pra esse ser humano que vai tomar porque ele tá necessitando de uma ajuda e a única ajuda que eu posso dar a esse ser humano é esse chazinho. Então você desce sua benção aqui e pronto (Dona N.).

Os estudantes que participaram desde o início da pesquisa, também tiveram a oportunidade de aparecer no documentário. Um momento para comunicar a experiência vivida ao longo do projeto, ressaltando a importância da produção audiovisual no aprendizado sobre as plantas. A fala de um dos alunos participante ilustra o envolvimento dos estudantes com o projeto e a contribuição deste na ampliação de seus conhecimentos sobre a flora e, por conseguinte da cultura em que estão imersos. A reflexão seguinte finaliza o documentário.

Eu pude aprender mais sobre as plantas, sobre a conscientização para preservar, e durante todo projeto a gente tinha um objetivo, conhecer mais sobre as plantas e sobre a preservação [...] foi muito bom hoje no dia da gravação porque todo mundo participou, os entrevistados se preocuparam bastante com a preservação das plantas [...]. Todo mundo gostou de mexer na câmera, segurar o microfone, de ficar escutando se a conversa realmente *tá* ficando boa, então foi muito interessante porque todo mundo pôde expressar sua opinião, eu também pude expressar a minha. Gostei muito de conhecer mais sobre as plantas porque até então eu não conhecia e vai ser muito bom porque eu vou poder passar *pra* frente, porque alguém pode *tá* interessado, quem não pôde comparecer no projeto (Trecho de encerramento do documentário em entrevista com um dos alunos participantes – L.).

Foi possível aprender sobre os processos educativos desencadeados na produção audiovisual, baseados na observação das rodas de conversa durante a oficina. Então como sugere Ribeiro-Júnior (2009) os processos envolvidos foram o “fazer com” e o “aprender fazendo”. O primeiro corresponde a ampliação das capacidades e aproveitamento das habilidades, e contribuições individuais, reconhecendo no outro, sua responsabilidade e intenções, respeitando as diferenças, baseia-se no coletivo. O segundo processo diz respeito, ao aprender fazendo, ou seja, o aprendizado sobre a produção de uma obra audiovisual se deu ao mesmo tempo em que esta era produzida.

O documentário produzido possui 39 minutos de “Causos do Cerrado”, embalado pela viola tocada por um conhecedor diante de todos que emocionados viram o trabalho se concretizar. Juntos pesquisadores e comunidade, viveram um profícuo momento de aprendizado na experimentação da mídia, tomando-a como uma possibilidade de transformação da realidade e para o engrandecimento da cultura em torno do conhecimento popular sobre as plantas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio assumido pela pesquisa foi articular os saberes populares com a linguagem midiática, como a fotografia e os vídeos. O conhecimento popular sobre plantas estabeleceu-se como ponto de partida e serviu para a imersão nas comunidades estudadas, valorizando estes saberes, dotando-os de importância e possibilidades de recriação.

Buscou-se uma educação ambiental, que valoriza o conhecimento popular sobre as plantas do Cerrado, que escuta e registra as falas das pessoas mais velhas, que considera também a possibilidade de uma hibridação cultural, que respeita o tempo das pessoas e o tempo atual que leva a outras vontades.

A pesquisa constituiu-se de forma a articular as muitas vontades, atentando-se para aproximar-se ainda mais dos sujeitos, sendo desta forma contextualizada, respeitosa das opiniões. As abordagens partiram desta dialogicidade que reconheceu nos sujeitos o potencial para transformar e direcionar a pesquisa, dotando-os de autonomia e liberdade para expressar seus pontos de vista.

A educação ambiental desenvolvida na pesquisa levou-se a muitas experimentações partindo da cultura, da realidade vivida, entendendo assim como Larrosa (2002) que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. A experiência vivida entre as pessoas que residem nos distritos com os recursos midiáticos, como a fotografia e o vídeo permitiu um momento que é quase impossível nos dias atuais, como elucidado brilhantemente por Jorge Larrosa (2002, p.24)

um momento de parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e ouvidos, falar sobre o que nos acontece, escutar aos outros, enfim cultivar a arte do encontro.

O estudo fez interagir o local e o global, o primeiro representado pela tradição do conhecimento popular sobre as plantas e o segundo fazendo uso dos recursos tecnológicos empregados na produção midiática. A articulação entre esses diversos saberes reluz sobre a necessidade do respeito à diversidade cultural que fez conviver as diferenças existentes entre essas culturas, surgindo nesse diálogo a necessária superação da visão monocultural que está tão impregnada na sociedade nos dias atuais, como indica José Marín (2010).

Considerar o surgimento de uma cultura e sociedade tecnológica exige uma adaptação nos modos de ver, de ler, de pensar, de interagir e de aprender, reivindicando sempre a “presença da cultura oral, da cultura letrada e da cultura audiovisual incentivando o diálogo profícuo entre os variados modos de construção do saber” (JOBIM SOUZA & GAMBA Jr., 2002).

Transcender os espaços em que a educação ambiental tem sido desenvolvida e trazer à cena outros sujeitos como os mais velhos, é uma reflexão pertinente à pesquisa, cujo marco principal foi imbricar crianças, jovens e idosos em prol de um objetivo, em uma proposta autônoma dos saberes escolares e desprendida deste espaço para a geração de seus conhecimentos.

O documentário produzido foi noticiado pelos meios de comunicação locais: no jornal da Universidade Federal de Uberlândia tiragem de agosto e no jornal Correio de Uberlândia. Realizou-se também uma entrevista pela TV Universitária da UFU com os

pesquisadores responsáveis pela pesquisa e ainda a mesma emissora exibiu na íntegra a obra.

Com esta pesquisa os alunos se motivaram a darem continuidade à criação de vídeos referindo-se a outras temáticas, um exemplo citado pelos estudantes foi a violência escolar. Assim, percebe-se que a mídia pode funcionar como uma maneira de expressão de ideias, um meio pelo qual pode-se trazer a tona problemas presentes no cotidiano escolar, na tentativa de resolver tais conflitos.

Foi possível vivenciar uma educação ambiental pautada na vinculação de outras formas de transmitir o conhecimento popular sobre plantas, que junto trouxe para a superfície as histórias individuais e coletiva do lugar, da origem, do *modos vivendi* antigo e atual, do ouvir, do falar, do respeito. Singularidades foram criadas re-criadas na busca de viver outras possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e Sons: A nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994. 110 p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003. 416 p.

CORREIO, **Jornal Correio de Uberlândia**. Abril, 2011.
<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/moradores-mantem-os-antigos-casaroos/>

CORSI, Elaine. **Patrimônio Cultural Arquitetônico e Plano Diretor em Uberlândia: Uma proposta de revitalização para os distritos de Miraporanga, Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Fulgurações: pelos rastros da educação ambiental**. In: Ana Maria Preve; Guilherme Côrrea. (Org.). **Ambientes da Ecologia – perspectivas políticas e educação**. 1ª Ed. Santa Maria: UFSM, 2007

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JOBIM e SOUZA, Solange; GAMBÁ Jr., Nilton. **Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita**. Revista Brasileira de Educação, vol., n. 21, 2002.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2002. n.19, p.20-28.

MARÍN, José. **Dimensão histórica da perspectiva intercultural, educação, Estado e sociedade**. In: GARCIA, Regina Leite. **Diálogos cotidianos**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Jóvenes: comunicación e identidad**. Disponível em: <<http://www.Oei.es/pensariberoamerica/ric00a03.htm>>. Acesso em 03 de outubro de 2010.

RIBEIRO JÚNIOR, Djalma. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de Dança de Rua como processo de educação humanizadora.** São Carlos. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Carlos, 2009. 142 p.

ROSSETTI, Fernando. **Mídia e Escola: Perspectivas para políticas públicas.** São Paulo: Edições Jogo de Amarelinha, 2005.

SARDELICH, Maria Emília. **Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa.** Cadernos de Pesquisa, v.36, n.128, p.451-472, maio/ago.2006.

TRINDADE, J. Identidade, Educação e dinâmica social a metamorfose da comunidade piscatória da Nazaré. **Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia** Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Identidades e Estilos de Vida, 2004.